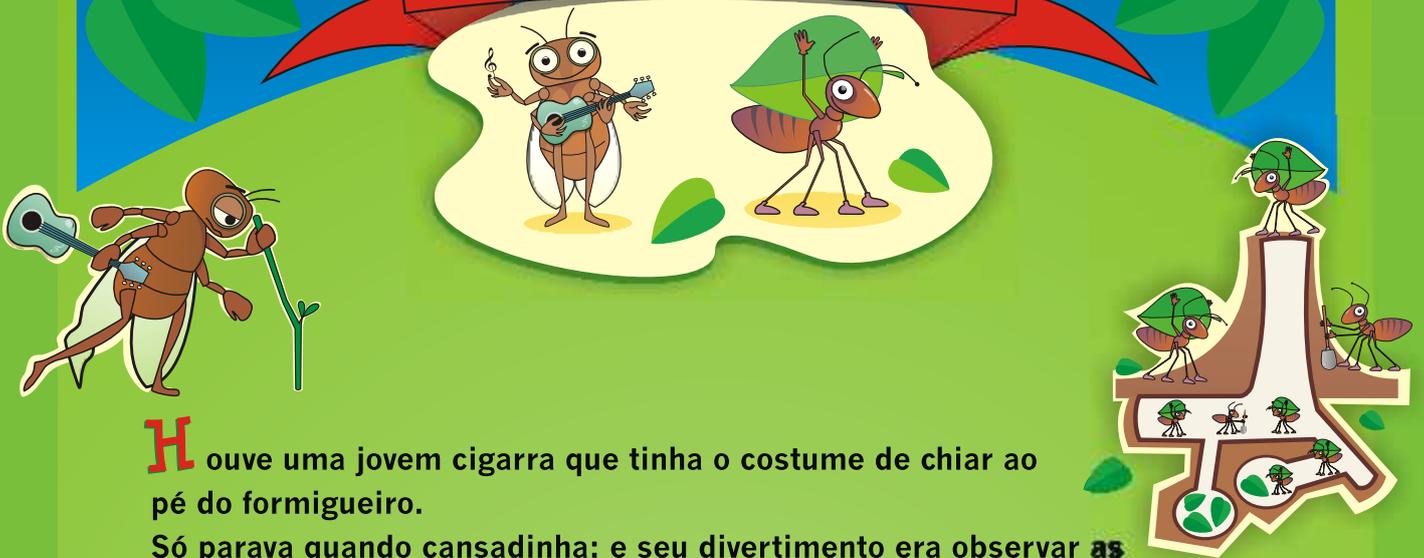


A Cigarra e a Formiga Boa



Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé do formigueiro.

Só parava quando cansadinha: e seu divertimento era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou-se socorrer de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro.

Bateu: – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

–Que quer? Perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

–Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

–E que fez durante o bom tempo que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

–Eu cantava, bem sabe...

–Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas.

–Isso mesmo, era eu ...

–Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho.

Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora!

Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

